

Geovan Farias de Lira

MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS A ADOLESCENTES INFRATORES:

REFLEXÕES A PARTIR DA PRÁTICA PSICOLÓGICA

São Paulo
2013

Geovan Farias de Lira

MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS A ADOLESCENTES INFRATORES:

REFLEXÕES A PARTIR DA PRÁTICA PSICOLÓGICA

São Paulo

2013

Agradecimentos

À Minha esposa Lúcia pelo apoio e paciência,

Ao meu filho Gregório pelo sorriso de todos os momentos,

Aos supervisores do plantão psicológico pelas palavras.

Resumo

Esta dissertação visou discutir a relação das medidas socioeducativas como punitivas para adolescentes autores de ato infracional a partir das propostas do Estatuto da Criança e do adolescente.

Por intermédio de entrevistas, observação de campo e pesquisa bibliográfica procurou-se traçar o conceito de adolescente, medidas socioeducativas e ato infracional.

A partir da constatação prática da ineficácia na execução das medidas socioeducativas nos meios fechados e abertos.

O trabalho procura possibilidades de compreensão para a socialização de ações na construção das medidas socioeducativas com ações pedagógicas ressocializadoras.

Palavras chaves: Medidas socioeducativas, Ato infracional, Adolescente.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the relationship of socio-educational measures as punitive for teens infractors from the proposals of the Child and Adolescent.

Through interviews, field observations and literature sought to trace the concept of adolescent educational measures and offense.

From the practical realization of inefficiency in the implementation of educational measures in closed and open media.

The paper seeks possibilities for understanding the socialization of shares in building socio-educational measures with pedagogical socializing.

Keywords: social and educational measures, Act infraction, Teen.

Sumário

Apresentação

Trajetória

Introdução

1- Adolescente e o ato infracional

2- Objetivo

3- Metodologia

4-Resultados

Diário de Bordo na FEBEM

Outras Possibilidade de Compreensão

5 - Considerações finais

6 - Referências Bibliográficas

Apresentação

O mundo parece que é mundo para um e nada para outro, ninguém presta atenção em ninguém, cada um por si e deus contra todos, a vida é cruel, você vai morrer e nem vai para o céu. (Titãs, 1986)

Trajetória

Minha trajetória neste caminho da Psicologia foi baseada na clínica. Para mim, nela não havia outro método para aplicação a não ser pela Psicanálise; assim, o aprendizado e os estágios nos anos de faculdade foram baseados neste método. Mesmo nos estágios de outras disciplinas como a Psicologia do Desenvolvimento a teoria estudada foi a proposta criada por Freud, pelas chamadas fases oral, anal e fálica.

No terceiro ano da faculdade, inicio a minha vida profissional trabalhando em projetos sociais propostos pelo governo, atuando como educador no SOS-CRIANÇA, serviço localizado no Brás, onde ficávamos no último andar do prédio. O objetivo desse projeto era retirar as crianças e adolescentes das ruas, entre os quais se misturavam tanto infratores quanto crianças que viviam em

situação de rua. Era um trabalho extremamente difícil, pois pela mistura citada mais parecia um depósito de crianças, adolescentes e educadores.

Foi desse modo que o meu trabalho com adolescentes se estabeleceu, conduzindo-me logo a trabalhar na FEBEM, hoje Fundação Casa. Atuei em diversos cargos (agente de educação, agente de apoio técnico, voluntário de pátio) em muitas unidades (Itaquaquecetuba, Tatuapé, Brás, Vila Maria). Mais recentemente, trabalhei como Técnico - Psicólogo em uma ONG que presta serviço para Prefeitura de São Paulo, onde os adolescentes cumprem Medidas Socioeducativas, como: *Liberdade Assistida (LA)* e *Prestação de Serviço à Comunidade (PSC)*.

Todos estes projetos visam reintegrar o adolescente à sociedade, através de escuta e compreensão a fim de levar o adolescente a perceber a gravidade dos seus delitos e a responsabilidade por seus atos. Por sua vez, os adolescentes percebem-se à margem da sociedade e para eles todo esse processo seria apenas "*cumprir de boa*".

“Ao receberem uma medida socioeducativa, não é raro escutarmos os adolescentes dizerem: “vou pagar de boa!”, ou mesmo aqueles que estão em cumprimento de medida, às vezes enunciam que estão “pagando de boa”. Essas frases nos remetem à relação que eles próprios estabelecem entre a medida socioeducativa e a sanção jurídica. (Cartilha do ICA-Instituto da Criança e Adolescente” – PUC-MG-2010 - pág.15)

A relação entre medida socioeducativa e a sanção jurídica, estabelecida a partir da frase “pago de boa”, dá a conotação de prisão e não de pedagógico. Através das suas palavras, o adolescente mostra isto: “*Já tô preso, ainda tenho que apanhar*”, indicando que a medida socioeducativa não é entendida como um processo de reeducação, reinserção do adolescente à sociedade e sim como punição por estar relacionado ao meio que vive e da realidade social na qual está inserido. E assume preferir “*pagar de boa, ficar quieto, baixar a cabeça, por as mãos para trás*”, encerrando o tempo de sua medida sem aprender nada e voltar ao mesmo lugar. Ou seja, como não se desenvolveu nenhum método pedagógico ou profissional, o que resta para este adolescente?

Se voltar ao meio social do qual saiu provavelmente será recrutado pelo tráfico. Fica um questionamento: qual foi o benefício da medida socioeducativa de

fato?

A educação, os métodos pedagógicos não estão na contramão de um modelo punitivo, em vez de uma medida socioeducativa, de fato? Se o adolescente está em desenvolvimento, o que se pode exigir de uma pessoa que necessita de orientação e compreensão privando-o de liberdade?

Neste trabalho buscou-se visar algumas possibilidades de compreensão como o adolescente na medida socioeducativa. O Ato infracional é o que me chama atenção neste trabalho, pois é através dele que o adolescente entra em uma nova trajetória em sua vida cumprindo as medidas socioeducativas criada pelo estado.

O significado para o adolescente do ato infracional, principalmente para aqueles que entram no sistema de punição é de prisão, mesmo aqueles que cumprem medida socioeducativa em meio aberto. A maioria dos adolescentes que cumprem medidas possui dificuldades em seguir as regras, pois estas lhe são impostas e compreendem como punição, descartando assim a oportunidade de reeducação.

A partir destas experiências profissionais e dos questionamentos surgidos durante minha atuação, senti a necessidade de buscar novos referenciais para compreender a fase da adolescência, as medidas socioeducativas, e a atuação profissional. A partir desta necessidade sentida e identificada decidi fazer uma especialização que me oferecesse novas perspectivas.

No mês de agosto de 2011, iniciei o curso de especialização com a proposta fenomenológica existencial, que me possibilitou conhecer e aprender sobre um novo modo da prática clínica, e com isso acrescentar este método na minha atuação profissional. Uma das ações desenvolvidas durante a especialização foi o atendimento em Plantão Psicológico. Esta experiência me mostrou um novo modo de sentir e compreender o atendimento psicológico, assim como o processo psicoterápico. O que mais se destaca na aprendizagem aqui percebida, diz respeito ao fato de usar os sentimentos despertados no profissional, ou seja, não ficarmos presos somente à utilização das técnicas. As técnicas podem e devem fazer parte do trabalho profissional, porém, a base principal do

trabalho psicológico se dá na relação terapêutica, construída entre psicólogo-cliente.

A partir desta experiência no plantão psicológico, pude ressignificar a minha prática psicológica principalmente no que diz respeito aos atendimentos a adolescentes privados de liberdade e a mudança na compreensão das medidas socioeducativas. Tendo os diários de bordo que registraram esse percurso de aprendizagem, pretendo discutir o sentido das medidas socioeducativas, a partir das transformações ocorridas na compreensão da minha prática profissional.

Para situar melhor o tema da investigação, segue-se uma introdução com o objetivo de apresentar possibilidades de compreensão da adolescência, do ato infracional e das medidas socioeducativas.

1-Introdução: Acerca da Adolescência e do Ato Infracional

A adolescência é um período de formação dos próprios valores, da identidade, período onde as escolhas devem ser tomadas, se caracteriza pelas transformações, é um período de contradições. Essa é a essência de todas as classes sociais. (Adolescência, Uso e Abuso de Drogas-Sergio Ozela-p. 36- 2012).

Adolescência pode ser compreendida como o momento das descobertas, de novos caminhos e encontros, uma fase única na vida, cheia de potencialidades. Ela pode ser vivida como momento de contestação, rebeldia e importantes aprendizagens. Atualmente, os adolescentes estão presentes na sociedade com um jeito próprio de ser, se expressar e conviver, e, portanto, precisam ser vistos como o que são: adolescentes. São criativos, tem enorme vontade e capacidade de aprender e contribuir. Não são crianças grandes nem futuros adultos. Têm suas trajetórias, suas histórias.

O adolescente vivencia uma fase de construção, de autonomia, de

aprendizagem e de descobertas e necessitam de oportunidades. Oportunidade para relacionar-se com a família, a comunidade, a escola com base num diálogo franco e aberto, pois a participação dos adolescentes nas relações sociais é necessária para o seu amadurecimento.

Segundo Jean Piaget a fase de desenvolvimento da adolescência se inicia aos 11 ou 12 anos em diante, considerada o período das formações formais. Nesse período, ocorre a passagem do pensamento concreto para o pensamento formal abstrato, isto é, o adolescente realiza as operações e no plano das ideias, sem necessitar de manipulação ou referências concretas, como no período anterior. É capaz de lidar com conceitos como liberdade, justiça, etc. O adolescente domina, progressivamente, a capacidade de abstrair e generalizar cria teorias sobre o mundo, principalmente sobre aspectos que gostaria de reformular. Isso é possível graças à capacidade de reflexão espontânea que, cada vez mais descolada do real, é capaz de tirar conclusões de puras hipóteses.

O livre exercício da reflexão permite ao adolescente, inicialmente, submeter o mundo real aos sistemas e teorias que o seu pensamento é capaz de criar. Isto vai atenuando de forma crescente, através da reconciliação do pensamento com a realidade, até ficar claro que a função da reflexão não é contradizer, mas se adiantar e interpretar a experiência.

Do ponto de vista de suas relações sociais, também ocorre o processo de caracterizar-se inicialmente, por uma fase de interiorização, em que aparentemente é antissocial. Ele se afasta da família, não aceita conselhos de adultos; mas na realidade, o alvo de sua reflexão é a sociedade, sempre analisada como passível de ser reformada e transformada. Posteriormente, atinge o equilíbrio entre pensamento e realidade, quando compreende a importância da reflexão para a sua ação sobre o mundo real. Por exemplo, no início do período, o adolescente que tem dificuldades na disciplina de Matemática pode propor soluções mais viáveis e adequadas, que considerem as exigências sociais.

No aspecto afetivo, o adolescente vive conflitos. Deseja libertar-se do adulto, mas ainda depende dele. Deseja ser aceitos pelos amigos e pelos adultos. O grupo de amigos é um importante referencial para o jovem, determinando o

vocabulário, as vestimentas e outros aspectos de seu comportamento. Começa a estabelecer sua moral individual que é referenciada à moral do grupo.

Aberastury considera a adolescência como *“um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento”* (1980, p.15). Além disso, destaca este período como de *“contradições, confuso, doloroso”* (p. 16). Ainda mais, afirma que a *“adolescência é o momento mais difícil da vida do homem...(p.29).*

Knobel ao introduzir a “Síndrome Normal da Adolescência”, traz uma grande contribuição dentro desta perspectiva, mas que merece algumas considerações. Apesar de enfatizar que “toda a adolescência leva, além do selo individual, o selo de meio cultural e histórico” (1981, p.28), ambos os autores acabam incorrendo no artifício de condicionar a realidade biopsicossocial a circunstâncias interiores ao afirmarem uma “crise essencial da adolescência” (p.10). Além disso, partem dos pressupostos de que “o adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas” (p.9) e de que o “adolescente apresenta uma vulnerabilidade especial para assimilar os impactos projetivos de pais, irmãos, amigos e toda sociedade” (p.11). Essas reflexões mostram como conceitos sobre a adolescência podem estar carregados de valores e preconceitos, necessitando extremo cuidado e atenção na compreensão desse período da existência. Segundo Dias “A adolescência ainda figura em muitos segmentos do cenário social, como regra de comportamento indubitavelmente inadequado, dificultando questionamentos que discutam a diversidade. Digo ainda, pois desde a Antiguidade esse momento é observado e estudado como difícil, fato que marca seu advento com expectativas de transtornos e poucas vezes como momento de desenvolvimento e conhecimento”.

Dias cita no seu texto o destaque sobre o comportamento do adolescente caracterizado como problema “A Psicologia ganha nova conformação e os aspectos afetivo-emocionais da adolescência recebem atenção e divulgação privilegiadas, salientando-se como período específico de instabilidades, crises de humor, dificuldades com as figuras parentais, busca incessante pela identidade, distanciamento do mundo adulto, entre outras descrições.”

D. Winnicott (1994), em 1961, explica a adolescência como decorrente da

imaturidade do indivíduo e da falta de experiências, e qualifica o isolamento como uma característica marcante que colabora com as reflexões, as descobertas e os ensaios de novas atitudes.

O adolescente é perdido, procurando se encontrar, busca eterna, quer provar a tudo e a todos que estão certos, não conseguem lidar com a frustração gerando por si só uma angústia sem tamanho. Segundo Crouzet-Pavan (1996, p.206), ricos e pobres organizavam jogos juvenis e infringiam as regras cristãs e sociais movidos pela impaciência e pela recusa em aceitar imposições. São coléricos, irritadiços e geralmente deixam-se arrastar por impulsos. “Domina-os a fogaosidade; porque são ambiciosos, não toleram serem desprezados, e indignam-se, quando se julgam vítimas de injustiça” (ARISTÓTELES, s/d, p.127-128).

Muitos comportamentos do adolescente não vão diferir apesar de estarem em classes sociais diferentes:

A adolescência é um acontecimento universal e só vai diferir, de cultura para cultura em alguns acontecimentos, alguns ritos de passagem que vão marcar o início e o fim da adolescência em algumas culturas, mas as transformações são universais. (Adolescência, Uso e Abuso de Drogas – Sergio Ozela, p.36)

Neste trecho a importância da transformação é primordial para o adolescente, mesmo que as culturas sejam diferenciadas, ou seja, uma marca são as mudanças de compreensão de mundo para o adolescente.

O que acontece no corpo e na mente dos adolescentes também não é irrelevante. Segundo o texto “Direito de ser adolescente” (2011) da UNICEF, na adolescência o cérebro passa por uma nova onda de transformações, que faz com que se sinta necessidade de criar coisas novas e de aprender. Outras modificações em regiões do córtex que estão relacionadas com o raciocínio e a memória conferem aos adolescentes uma capacidade enorme para lidar com informações. O que se sabe hoje sobre esse período traz novas perspectivas.

Características associadas à adolescência e geralmente tomadas sob o ponto de vista negativo, como impulsividade, desejos de mudanças e extrapolar limites, extrema curiosidade pelo novo, intransigência com suas opiniões e atitudes, tornam-se, na verdade, oportunidades de aprendizagem e inovação para escolas, famílias, comunidades e para os próprios adolescentes.

Neste texto da UNICEF há uma entrevista com o Psicólogo Sérgio Ozela da PUC-SP que conceitua o adolescente da seguinte forma adolescência é, na verdade, uma construção histórica e social, e não algo natural e universal como alguns estudiosos têm defendido ao longo dos anos. Segundo o autor, a família, a escola, a sociedade é importante, mas o adolescente hoje tem poucas saídas. Há um processo de poder em cima do adolescente, de a sociedade não encará-lo como alguém com potencial e com responsabilidade.

Neste contexto social e se dirigindo para as definições legais do termo “adolescência”, o Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA- art. 2º considera adolescente, o jovem entre doze e dezoito anos de idade, isto é, uma pessoa em desenvolvimento que necessita de orientação e educação, um direito constitucional. No artigo 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA, a criança e o adolescente têm direito à educação visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se lhes:

- I. Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II. Direito de ser respeitado por seus educadores;
- III. Direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;
- IV. Direito de organização e participação em entidades estudantis;
- V. Acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Como instrumento legal e técnico de condução desse trabalho foi utilizado O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA ferramenta de promoção, proteção e defesa da criança e do adolescente.

Quanto ao *Ato Infracional* o Estatuto da Criança e do Adolescente definem:

Art.103. Considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal.

Art.104. São penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às medidas previstas nesta lei.

Art.105. Ao ato infracional praticado por criança corresponderão às medidas previstas no artigo 101.

O termo *ato infracional* vem acoplado com a palavra grave, que quer dizer “observa-se na atuação dos operadores de direito e, também na dos profissionais a cargo da *medida socioeducativa*, que os jovens envolvidos em situação de infração, como assalto à mão armada, agressão à vítima, homicídio, latrocínio, estupro, sequestros, são enquadrados na categoria de adolescentes de ato infracional grave. (p.86).

Os autores e livros definem o adolescente como um período de crise, turbulência, irrecuperável e um modo de naturalizar o processo do ato infracional. Desta maneira a dificuldade aumenta em ver o adolescente com possibilidades de mudanças, ou até de escutá-lo, pois é visto com pré-conceitos enraizados de que o adolescente é irresponsável e inconsequente.

A adolescência também é conceituada como um período típico de desenvolvimento, marcado pela turbulência, no qual o jovem não é criança nem adulto. Também aqui estariam as raízes de uma visão naturalista na medida em que a infância e a adolescência são vistas como um estado e não como uma condição social. (Adolescência, Uso e Abuso de Drogas- Eroy Aparecida da Silva)

A primeira coisa que o adolescente diz ao chegar para o atendimento é: “*Fiz uma besteira, mas isso não vai repetir*” e outros dizem “*Nasci para roubar, não sei fazer outra coisa*”. Ora, como a medida socioeducativa pode ajudar este

adolescente refletir sobre o ato cometido?

O primeiro passo é aceitar este jovem como uma pessoa em desenvolvimento e não rotulá-lo como infrator.

O segundo é propor uma forma pedagógica onde o adolescente se sinta seguro, é importante saber deste jovem se estuda, se sabe ler e escrever.

O terceiro passo é criar condições para o adolescente estabelecer uma confiança com o profissional.

Quando o adolescente é flagrado ou denunciado é encaminhado para uma vara especial, o VEIJ- Vara Especial da Infância e Juventude, onde o Juiz determina uma medida a ser cumprida.

Afinal, o que significa Medidas Socioeducativas?

O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) no art. 1º parágrafo 2º:

Entendem-se por medidas socioeducativas as previstas no art.112 da Lei 8069, de 13 de julho de 1990(Estatuto da Criança e do Adolescente), as quais têm por objetivos:

I. A responsabilização do adolescente quanto às consequências lesivas do ato infracional, sempre que possível incentivando sua reparação;

II. Integração social do adolescente e a garantia de seus direitos individuais e sociais, por meio do cumprimento de seu plano individual de atendimento; e;

III. Desaprovação da conduta infracional, efetivando as disposições da sentença como parâmetro máximo de privação de liberdade ou restrição de direitos, observados os limites previstos em lei.

Em se tratando em cumprir a *Medida Socioeducativa* cito um capítulo do livro “Justiça, Adolescente e ato Infracional” escrito na p.289 diz:

*“A Filosofia **Pangloss(Voltaire. Cândido ou Otimismo,1998)** é prevalente na dita finalidade da medida socioeducativa. Afirma-se que é pedagógica e, mesmo sem se debruçar sobre o campo da pedagogia, as propostas do campo de execução de medidas socioeducativas, de regra, seguem a linha trilhada, pela Criminologia Positiva, com algumas poucas variações, sem*

sair do tom totalitário.

Compreende-se a Medida Socioeducativa sem nenhuma liberdade de escolha, o modelo adotado é de *coerção*, privar, de fato, o adolescente de se expressar impondo “valores” dominantes em jovens tolhidos dos seus direitos. Se este jovem cumprir o que determina a Medida é liberado para viver em sociedade, caso contrário é excluído nada mais cínico e prático.

Não esquecendo que as *Medidas Socioeducativas* são aplicadas por um Juiz que passa por um concurso e decide a vida de um adolescente, de sorte que as únicas circunstâncias que podem ser analisadas no momento de aplicação da medida socioeducativa são os motivos, as circunstâncias e consequências da conduta, bem como o comportamento do adolescente-cidadão.

Fica evidente a tensão entre o modo de ser psicólogo com adolescente, mais amplo e clínico versus o modo técnico de visão restrita e conceitos fechados, rotulando o adolescente.

O plantão psicológico norteou uma nova compreensão na prática psicológica, desconstruindo o modo engessado de sentir, a partir das palavras, transformando o atendimento técnico em sentir, de fato, o cliente. A partir dessas compreensões pode ser possível mostrar como as mudanças através de um novo olhar e um cuidar proporciona uma resignificação.

2. Objetivo

Compreender a partir da minha prática psicológica as medidas socioeducativas, o ato infracional e aos adolescentes envolvidos nesta trama.

3. Metodologia

Qual o caminho a percorrer para falar sobre as medidas socioeducativas como punitivas, a partir da própria experiência?

A narrativa pode ser um recurso privilegiado quando se busca o registro da experiência. A narrativa, que durante tanto tempo floresceu no meio de um artesão- no campo- no mar – e na cidade, é ela própria num certo sentido uma forma artesanal de comunicação.

Benjamim descreve a palavra narrar como a faculdade de intercambiar experiências, passadas de pessoa a pessoa. O Narrador retira da experiência o que ele conta: a sua própria experiência e a contada pelos outros.

Se, como diz Gagnebin, a palavra experiência (Erfahrung) “[...] vem do radical fah usado ainda no antigo alemão no seu sentido literal de percorrer, de atravessar uma região surge como esse fluxo de palavras que tenta dar conta do curso de uma viagem. Nesse sentido, depoimentos poderiam ser considerados como relatos de experiência/travessia por entre o universo daquele que sofre (passa por). Seriam eles a narrativa de plantonistas apresentada como diários de bordo orais de viajantes que percorrem, ou percorreram, a mestiça fronteira da intersubjetividade presente nos encontros em Plantão.

Segundo Oliveira cita em seu texto a narrativa como uma modalidade de comunicação insere-se como articulação destes constituintes, pois seguindo as reflexões de Benjamin sobre a figura do narrador, torna-se patente como se dá o processo de elaboração de experiência realizado pelo narrar. Assim, o narrador é aquele que retira do vivido o que conta, seja sua própria experiência ou a relatada pelos outros, incorporando a experiência dos ouvintes às coisas narradas.

Seguindo a trilha da fala como manifestação articulada e compreensiva do que foi experienciado, os depoimentos apresentam-se a essa pesquisa como uma via de acesso privilegiada ao processo de singularização que cada um dos plantonistas faz a respeito da prática em Plantão, já que, como narrativas, contemplaram, de forma simultânea, as dimensões afetiva e cognitiva do vivido. A guisa de reforço, as narrativas de plantonistas, foram eleitas como matéria-prima deste trabalho justamente por constituírem uma manifestação que articula compreensivamente aquilo que foi vivido/experienciado em Plantão.

Portanto, ao legitimá-las como situações propícias à elaboração de experiência, este trabalho referencia-se no modo de agir em pesquisa fenomenológico e existencial. Cabe neste momento, uma breve discussão a respeito da metodologia propriamente dita. Para tanto, seguirei de perto algumas considerações tecidas por Critelli (1996), em seu livro *Análítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*.

O Plantão Psicológico compreendido como fenômeno a ser pesquisado mostra-se ao pesquisador tanto por aquilo que é, como por aquilo que não é. Assim, o Plantão traz-se à luz num jogo perceptivo formado pelo seu próprio

aparecer e pelo olhar do pesquisador que se apresenta como clareira na qual a luz se projeta. Desta maneira, toda a fundamentação ontológica dos homens discutida até aqui se mantém implícita na relação entre o pesquisador e o fenômeno a ser investigado.

Nessa perspectiva, a pesquisa fenomenológica encaminha-se pela impossibilidade de percepção do em si das coisas, partindo do aparecer dos entes como desdobramento da temporalidade e existencialidade dos humanos enquanto Ser-aí.

Diários são marcas em forma de escrita - depoimentos rememorados. Escrever é comunicar, é narrar. Um Diário de Bordo é feito por um protagonista, a próprio punho, disposto a compartilhar uma experiência. Comunicando algo vivido e sentido, um diário é como um tecer de muitas estórias interligadas. Estórias estas também tecidas por entre outras narrativas.

Assim, Diários de Bordo não são apenas possibilidade de restituição da historicidade de uma pesquisa; são, também, o narrar a biografia da experiência de um profissional, na perspectiva de quem comunica como ocorreu o revelar-se do outro a esse profissional/pesquisador. Embora única, sua biografia contempla as diversas outras que a ela se entrelaçaram. É desse modo que tal forma de registro transpassa um simples relatório descritivo; diz da experiência vivida de cada um, sem que nela tudo se exiba pelo “mesmo estatuto; os ‘agoras’ cercam-se dos ‘já não’ que assinalam o que há de trânsito e pode haver de perda e de imprevisto” (FIGUEIREDO, 1997, p. 10). Diário de Bordo como a autenticação de cada autor, marcada a próprio punho em sua narrativa, do plural e único vivido e sentido.(Aun-p.11).

Um diário é narratividade, o modo próprio de se dizer do homem, lançando-se de seu repouso em direção ao sentido de si mesmo, como ação de dizer. Diferente da narrativa oral, o diário de bordo imprime marca dos vestígios do

vivido pelo escrever.

Ao recorrer aos *diários de bordo* como vestígios pelos quais se percorre uma *in-vestigação*, recuperam-se modos constituintes de subjetivação singularizada. Como num jogo de espelhos, busca-se uma reflexão compreensiva do sentido operante nos autores/atores participantes do espetáculo, partindo do próprio encontrar-se (experienciação e elaboração da experiência) para comunicar o vivido como um acontecimento. Recupera-se o sentido da experiência através da narrativa, também como forma de comunicação social e transmissão de saberes coletivos, através da qual a palavra circula sem o aprisionamento da fala especializada (BENJAMIN, 1985).

O diário é um exercício cotidiano de escrever sobre o cotidiano. É o momento de escritura aberto para o singular, para a criação – construção e desconstrução. É um jogo reflexivo de espelhos. No romance de Lewis Carroll, o espelho mágico de Alice, permite o andar no sentido inverso, o se perder na própria identidade ou na busca de uma re-direção. Mas qual o inverso de um jogo de espelhos? Ao mirar espelhos, não será somente contemplada nossa imagem: “vemos refletidos nós e outros, ou melhor, em nós os outros e nos outros nós mesmos.” Uma mistura que aponta para a comunicação e diz de um “entrelaçamento entre observador e imagem, nós e os outros, e da disposição estética das mútuas mudanças, resultantes”

A reflexão a partir de atendimentos, ou registros de diários de bordo de pesquisa de campo (visitas domiciliares), valerá de expressão de investigação.

4-RESULTADOS – Análise.

Diários de bordo na FEBEM

Os diários de bordo constitui o caminho de investigação quase artesanal, por ser construído num percurso de andamento sintônico(...)(Shashenka,2008)

Realizar investigação diagnóstica global sobre o desenvolvimento intelectual, emocional, psicossocial, interesses e aptidões dos adolescentes.

Orientar as atividades educacionais e preparar relatórios técnicos ao poder judiciário e encaminhar para atendimento terapêutico. (Atribuição do cargo-Concurso 2002)

Esse era o método adotado tanto na FEBEM, como nas ONGS, o trabalho está mais contido em escrever para a liberação do adolescente, um exemplo dos adolescentes em relação ao seu relatório conclusivo:

“Senhor, já tô cansado em ficar aqui, já subiu o meu conclusivo.”

O adolescente estava a um ano cumprindo medida em regime fechado e queria saber como estava o seu relatório que foi enviado à Vara da Infância e Juventude.

Trabalhar na Fundação sem se envolver, é adoecer, e não sentir o sofrimento alheio é impossível. Ao mesmo tempo em que sinto medo, também existe confiança.

“O mundo me fere e a ele me refiro, isto é, a linguagem, tudo o que eu comunico ao mundo, não só as palavras”- Heidegger.

Trabalhar em um lugar que é necessário criar, trazer novos desafios e mostrar algo novo para que estes adolescentes possam ir para um caminho que

tenha sentido.

Confesso que a angústia é muito mais do educador, do que do adolescente, quando se tem a ideia de mostrar um filme diferente, uma música que não seja do cotidiano do adolescente, os outros educadores colocam empecilhos, dizendo que isto não é para os adolescentes infratores, que não querem coisas novas.

Será que não faz sentido, abrir novas possibilidades de compreensão para estes adolescentes?

As visitas domiciliares é um atributo do técnico, neste momento é percebido o cotidiano da família, muitos vivem em situação precária, sem necessidades básicas. Um exemplo, determinado dia foi necessário a equipe buscar um adolescente para cumprir a medida PSC- Prestação de Serviço à Comunidade, não foi possível encontrar a casa, pois havia mais de dez casas com o mesmo número.

Como dizer para um jovem, que ele precisa trabalhar e estudar? Se nem um lugar fixo possui.

Em outro momento, quando acontece a visita há um contato mais profundo com a família, a partir daí inicia uma abertura de como a família considera o adolescente. Muitos familiares procuram os funcionários, para requisitar ou para falar, neste caso muitos contam as dificuldades. Alguns exemplos de relatos de diários de bordo:

-“Hoje levantei às 4 da matina para visitar o meu neto, não é fácil a minha vida” senhora de 65anos.

“Puxa esta fila não anda, precisei chegar muito cedo aqui e ainda preciso

ser revistado, que humilhação” mãe de um adolescente.

–“Moro no litoral, em casa as coisa tá difícil, hoje nem dinheiro para condução tinha, precisei pedir emprestado.” Pai de um adolescente.

Na visita é percebida a simplicidade das famílias, são de baixa renda, a maioria com escolaridade muito baixa, as profissões de diaristas, camelôs, desempregados.

Baseado nisto, é percebido no adolescente, ânsia em mudar o padrão de vida, nisto, começam a cometer pequenos delitos para poderem ter roupas mais caras. Em seguida são punidos, muitas vezes privados de liberdade.

A capacitação para os funcionários que lidam com esta população é deficitária para agir com estes adolescentes, é de pouca valia, as supervisões são precárias, quase não existe, as formações são nulas, é somente atender, nenhuma indicação literária, isto é, cada um por si.

Pensando na relação de trabalho entre funcionários e adolescentes, principalmente os infratores.

No livro “Privação e delinquência”- (Winnicott- 2005), há trechos sobre a infância do adolescente, onde se destaca:

“Vale a pena recordar que as crianças são cuidadas e educadas não só para terem uma vida agradável, mas também para serem ajudadas a crescer.” (p.33) Entendo que o autor tenta explicar o quanto o cuidado é essencial para a vida futura, em buscar proteção para não sentir a falta.

Falta de quê? De cuidado e proteção.

Cito como exemplo um adolescente que cumpriu uma medida em regime fechado por um ano sai e vai cumprir outra medida em regime aberto (LA), e em um mês retorna ao regime fechado.

Neste trabalho explico as condições de moradia dos adolescentes, muitos moram em um porão com aproximadamente seis a sete pessoas.

Mas, é isto que faz o adolescente retornar para o regime fechado? Não possuir um lugar digno para morar?

Quando entrevisto a mãe deste jovem, ela responde:

“Ele não me reconhece como mãe”

Pensar o vínculo construído entre esta mãe e o adolescente, o qual não a reconhece como uma pessoa íntima, não é exatamente o lugar que mora que faz retornar ao conflito com a lei.

Em um trecho do livro “A teoria do Vínculo” (Pichon-Rivière, 2012):

“Historicamente, podemos dizer que o último passo da psicanálise foi o estudo das relações de objeto. Isso nos leva a tomar como material de trabalho e observação permanente a maneira particular pela qual cada indivíduo se relaciona com outro ou outros, criando uma estrutura particular a cada caso e a cada momento, que chamamos vínculo.”

Neste livro é descrito que há vários tipos de vínculos dentre eles estão: o vínculo paranoico, depressivo, obsessivo, hipocondríaco e histérico, mas não é a ideia classificar aqui patologia, apenas entender as relações estabelecidas propriamente ditas.

Enfim, qual o sentido em se sentir protegido, a família tem o seu papel primordial ou o adolescente escolhe outra família?

Citando ainda o livro “Privação e Delinquência” (Winnicott) sobre a infância sobre a socialização deste adolescente privado de liberdade e que cumpre medidas socioeducativas, -

“E brincar não é só prazer; é essencial ao seu bem-estar.” (p.55).

A criança necessita do brincar para aprender socializar, sentir o mundo ao seu redor.

Nesta obra o autor recomenda tratamentos psicoterápicos, mas não clínico e sim social, quando estimula o alojamento das crianças.

“Ao lidar com crianças antissociais em clínica, é inútil recomendar apenas psicoterapia. (p.83) O primeiro fator essencial é conseguir que cada criança seja adequadamente alojada, e em muitos casos o alojamento adequado funciona por si só como terapia, desde que se dê tempo ao tempo”.

Nestes textos, existe orientação quanto ao trato aos adolescentes,

principalmente os privados de liberdade. No início a dificuldade em atender o adolescente é nítida, normalmente eles não procuram ajuda, por se sentirem autossuficientes.

Ora, como explorar a prática psicológica com adolescentes?

Para explorar mais este assunto, gostaria de relatar as supervisões que tive no LEFE (Laboratório de Estudos de Fenomenologia Existencial) através de atendimentos no *plantão* psicológico que funciona às terças feiras que contribuíram na prática psicológica com os adolescentes.

Quando os adolescentes entram em contato com a medida socioeducativa a transformação é nítida. Porém, quando entram em contato com a instituição, sofrem muito e é percebida a frustração. Muitos param de falar, ficam incomunicáveis, só respondem o que é necessário.

Na FEBEM, a confusão em perceber a diferença de comportamento entre os adolescentes e agentes educacionais, é quase nula, pois os adolescentes são capazes de *seduzir* os funcionários por não terem como descrito acima uma capacitação ou formação adequada para assumir tais cuidados.

Não há nada de escondido atrás destes rostos ou destes gestos, nenhuma paisagem para mim inacessível, apenas um pouco de sombra que só existe pela luz. (Fenomenologia da Percepção-Ponty, 2011)

A FEBEM tinha a proposta de “um novo olhar”, os monitores mais antigos estavam revoltados porque não poderiam mais “esmurrar”, “violentar” os adolescentes. Assim, os novos funcionários, , teriam que trabalhar de acordo com os seus critérios, até porque havia Técnicos (Psicólogos, Assistentes Sociais) e estes também estavam assustados com a nossa presença.

Mas como trabalhar em um lugar que não aceitam novas propostas, um novo olhar?

Percebi que era necessário de início, apenas observar, aguardar o outro me acionar, assim perceberia o que, de fato, poderia começar a fazer.

Na época não percebia que estava em um “Plantão Psicológico”, o meu horário era igual ao dos Monitores, trabalhávamos em plantão, um dia sim e outro não, entrava às sete horas da manhã e saía às dezenove horas, ficava muitas vezes no pátio à espera de um adolescente para ouvi-lo, entrava nos quartos onde dormiam quinze por módulo, existia quatro, somando havia sessenta

adolescentes, quando não superlotava, chegando a alguns meses setenta e dois.

Quando havia lotação o descontrole da casa se instalava. As regras começavam a ser quebradas. A televisão, por exemplo, deveria ficar ligada até às vinte e duas horas, nestes dias ficavam até mais de meia noite.

Conviver com estes jovens, em um momento de rebeldia que é característica da idade, era muito difícil olhar com um novo olhar, principalmente nestas horas, pois todas as orientações colocadas parecem esquecidas, as gírias voltaram, os que eles achavam que eram bons, chamavam de *sangue bom*, mas os que eles consideravam ruins, chamavam “*sb*”, até eu descobrir que a iniciais eram as mesmas, mas o significado era *sangue de barata*.

Houve um episódio na Unidade da Vila Maria, em que fomos convocados por uma ordem judicial para acompanhar os adolescentes que eram considerados os *líderes* e havia um estigma de perigosos, pois o B.O. - boletim de ocorrência era grave como: Sequestro, latrocínio, roubo e outros. Nenhum funcionário queria chegar perto destes adolescentes, pois não obedeciam nenhuma regra até que um colega de trabalho tentou colocar ordem, foi agredido e saiu ferido.

Enfim, como trabalhar em locais novos, com população excluída e violenta? Como suspender os juízos e perceber o fenômeno?

Muitos desses jovens cumprem medidas para livrar outros e precisam mudar ou se afirmarem como o “malandrão”, sem ao menos participarem, de fato, de um assalto ou outros delitos.

A maioria não possui pai, mas apenas mãe, que trabalham como diarista de domingo a domingo para garantirem o sustento da família, e mesmo assim não muitas vezes não conseguem.

O adolescente fica só desde muito cedo, sem orientação, sem escola, e quando tem a escola é de péssima qualidade, com professores mal pagos e sem nenhum preparo para ensinar estes jovens.

Quando me deparei com esses jovens, lembrei-me de Paulo Freire, que criou um método que, a partir das palavras, há possibilidades de mudanças, eis um trecho retirado do seu livro:

Com o método Paulo Freire, os alfabetizandos partem de algumas poucas palavras que lhes servem para gerar seu universo vocabular. Antes, porém, conscientizam o poder criador dessas palavras: são elas que geram o seu mundo. São significações... significações do mundo, mas suas também... a alfabetização não é um jogo de palavras, é a consciência reflexiva da cultura... a abertura de novos caminhos.... (Pedagogia do Oprimido-p.28).

Ora, o que isto tem haver com medidas, privação de liberdade?

Parafraseando o texto do mestrado À Procura de Sentido da Atenção Psicológica com Adolescentes Privados de Liberdade (Shashenka Meza Mosqueira, 2008), o texto procura sentido para o processo socioeducativo, para responder esta pergunta continuarei neste caminho, um adolescente com energia e privado de liberdade, isto é, sem condições de se expressar fica em um estado complicado para o seu desenvolvimento, pois as regras colocadas são de um padrão de impossibilidades, engessadas.

Uma pesquisa realizada em rede nacional mostra que a escolaridade dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas é baixa.

A informação acerca do nível de escolaridade dos adolescentes cumprindo medidas socioeducativas determinadas judicialmente, tal como fornecido pelas varas da infância e juventude das localidades que compuseram a amostra analisada, apresentou uma qualidade bastante insatisfatória. (Ilanud, Pesquisa Mapeamento Nacional das Medidas Socioeducativas em Meio Aberto – Listagem dos processos de execução de medidas socioeducativas nas varas competentes – 2007).

A maioria dos jovens que cumprem medidas socioeducativas são analfabetos, são jovens que possuem talentos, mas não são reconhecidos pelas autoridades oficiais, sendo assim, o tráfico recrutam estes adolescentes, que estão sem nenhuma orientação.

A partir daí, a droga instala-se e os problemas ficam muito mais sérios, pois precisam de dinheiro para o vício.

Começam a deixar a escola, ficam agressivos, rebeldes.

Enfim, quais outras possibilidades para este adolescente em situação de vulnerabilidade social?

- *No internato de Itaquaquecetuba, onde exerci o cargo de Agente de Educação em um determinado dia percebo, assim que chego, às sete horas da manhã, que havia algo estranho, pois os adolescentes estavam muito quietos, de cabeça baixa e respondendo quando eu lhes perguntava algo “Sim senhor” e nada mais.*

Na noite anterior havia ocorrido um princípio de rebelião e quando isto acontecia era chamada a “Divisão de Segurança” que os adolescentes batizaram de “choquinho” e que tremiam de medo só em ouvir falar. Este grupo tinha a função de conter os adolescentes com repressão.

Tentava dialogar com estes profissionais, mas sem sucesso, pois eles não se comunicavam com a área pedagógica, pois entendiam que éramos “paga pau dos internos” (fala do choquinho), isto é, deixávamos os adolescentes fazerem o que queriam, e achavam que por isto, havia rebelião.

O que fazer? Lembro-me que muitos profissionais da área pedagógica saiam para beber em um boteco ao lado da unidade.

Alguns nem ia para casa e dobravam o plantão para ganhar horas extras e logo depois tínhamos a notícia que o colega separara.

Às vezes, queria ser *psicólogo* dos funcionários, mas como se estava no mesmo barco e a função era ser *Agente de Educação*.

Em um dia encontramos a “casa desandada” este era o termo quando os adolescentes dominavam a unidade.

“Olha, Senhor fique aí cuidando do seu trabalho, aqui tá tudo dominado”- relato de um adolescente.

Em vários destes acontecimentos, tentávamos dialogar com o jovem, mas a fúria o dominava , era assustador, aquele que nunca imaginávamos que era o líder da turma aparecia e dava ordens com o olhar.

Normalmente o adolescente fica contrariado quando é necessário o atendimento, com isto, não se expõe, fica calado e só responde ao que foi perguntado dificilmente colaborando com o desenvolvimento da proposta.

O trabalho com adolescentes é apenas ouvi-lo, eles não tem interesse em colaborar com novas ideias e isto acaba contaminando o profissional. Que acaba atendendo rapidamente, sem nenhum esforço e sem compromisso.

Um exemplo: para o cumprimento da medida liberdade assistida é necessário incluir o adolescente na escola ou estimular um curso profissionalizante, muitos ficam um ano cumprindo a medida, que era de seis meses, por não se importar com a regra, vai passando o tempo e a própria Vara (VEIJ) libera o jovem, pois o mesmo completou dezoito anos.

Outro exemplo mais assustador é quando o tráfico telefona para a própria o serviço de medida ameaçando. Descreverei um telefonema que recebi.

“Alô, quero deixar claro que o menor não irá mais neste serviço, exijo que dê um jeito...” Gerente da boca (traficante).

Quando sugeri no serviço apresentarmos um filme, uma dinâmica que envolvesse um trabalho pedagógico, os funcionários antigos, disseram:

“Esses meninos não querem nada, devemos passar filme para a equipe”.

A equipe sugeriu mais confraternização, um filme leve, sem compromisso pedagógico e sim algo lúdico.

A sugestão da equipe foi o filme “Como Matar o Chefe”.

Sem dúvida, acredito sim, que são necessários momentos de lazer, mas em outro horário.

Atendi um adolescente com dezesseis anos, que parou de estudar no primeiro ano do ensino médio em uma escola particular, onde conseguiu uma bolsa, mas infelizmente conheceu a droga e isto causou sérios problemas. Determinado dia resolveu juntar com outros amigos e planejaram um assalto, foram pegos pela polícia permaneceram por vinte e seis dias na FUNDAÇÃO CASA.

Em seguida veio cumprir a LA, não queria saber de regras, apenas vir no atendimento bastava. Ele dizia:

“Já sei que preciso ir para escola, mas se eu arrumar um trampo a medida diminui...”

Este jovem até o momento que estava atendendo emagrecia muito, mas negava que usava algum tipo de droga.

A mãe deste jovem, abalada em todas as reuniões chorava muito e dizia que vigiava este filho e o pegava em flagrante usando droga.

Dizia assim: *“Onde eu errei, fiz de tudo por ele, trabalho, mas quando ele chega de madrugada, dou soco nele, eu não aguento”*.

Estes relatos ocorriam na maioria das reuniões de um sábado por mês, onde acompanhávamos a família com palestras, filmes e um café.

Com os adolescentes acontecia, além de vir toda semana, um trabalho em conjunto, era desanimador, às vezes, apareciam um ou dois.

A ideia era uma confraternização, mas para os adolescentes o serviço de medida era extensão do judiciário.

Outra Possibilidade de compreensão para prática com adolescentes

A minha experiência com adolescentes sempre foi caracterizada pelo

social, atendimentos em grupos, com a técnica do saber, da solução, da verdade, quais outras possibilidades de atendimento?

Mas faltava mais conhecimento teórico, em uma das aulas da especialização me deparei com um texto, de Vicente Gaulejac que mostra algo novo como a:

Social Clínica

Nesta perspectiva, o termo sociologia clínica permite orientar a reflexão sobre três pontos:

- a. A análise das articulações entre os determinismos sociais e determinismos psíquicos*
- b. A questão dos sujeitos nas ciências humanas e sociais.*
- c. A dermache como condição necessária ao desenvolvimento de uma sociologia crítica.*

O indivíduo é multideterminado. Ele é o produto de uma história completa que diz respeito, ao mesmo tempo, à sua existência singular, portanto, ao seu desenvolvimento psíquico inscrito numa dinâmica familiar, é a sua existência social, vista como a encarnação das relações sociais de uma época, de uma cultura de uma classe social. Todas essas determinações não são equivalentes, embora sejam dificilmente dissociáveis.

Neste texto explora também a questão da vergonha, é explicado que ela pode ser identificada no psiquismo, que podemos resumir de um conflito do sujeito que não é classificado como uma negação, mas um afrontamento a um contexto social do qual se prefere nada saber, nem ouvir.

A vergonha associada ao desemprego, exclusão, remete ao indivíduo, a si próprio, ao seu próprio sofrimento, mas também se inscreve no processo de estigmatização, de humilhação e de invalidação, aos quais antes de tudo, são processos sociais.

Neste texto o autor explora a situação do excluído que revela a nossa própria vergonha, se rejeitamos aquele que nos estende a mão, porque o consideramos vagabundo, um enganador, um delinquente potencial, é porque está nos remetendo aquilo que podemos nos tornar.

A partir daí, rejeita-se a relação, porque se recusa a identificação.

Enfim, como atender os adolescentes, mostrando para os próprios que as respostas estão com eles, *sem um plano psicológico*, que podem encontrar a autonomia através de suas experiências, isto é, ouvindo a si próprio.

O adolescente também tem escolhas, portanto desenvolver aquilo que o *paralisou*, prejudicou e ser responsável pelos seus atos.

A psicossociologia objetiva o conhecimento social e psíquico como descrito no início deste capítulo, isto é, a revelação do próprio lugar onde o adolescente vive, participando das dificuldades vistas no bairro, mostrando o que se pode melhorar através de *atitude*.

Sendo mais claro, tentarei descrever um paralelo entre o social e o que chamo de *atitude*, uma ação, como o trabalho é direcionado para as medidas socioeducativas e pela experiência a maioria dos que cumprem estão em situação de vulnerabilidade.

Mas o que significa vulnerabilidade e como está ligada às *MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS*?

Atualmente o termo usado para *excluídos* está sendo usado como *vulnerabilidade*, compreende-se o fenômeno da exclusão a partir da exclusão social a partir da existência de desigualdades e falta de acesso à riqueza e a falta de cidadania.

Os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas não tem apenas o acesso à riqueza, mas também a bens culturais, deste modo ficam sem acesso à escola, emprego, segurança, entre outras dificuldades.

É perceptível, portanto, as caracterizações dos jovens pobres vulnerabilizados, excluídos, em desvantagens e em riscos, podemos dizer que são conceitos que se confundem.

Desta forma, o autor diz:

“... Não posso validar a separação entre a sociologia e a psicologia, separação historicamente compreensível, mas cientificamente contestável. Na minha... convencer os sociólogos de integrar as suas análises... e do outro convencer os psicólogos quanto a necessidade de levar em conta os processos

sociais (Gaulejac-p.46)

As medidas socioeducativas podem ser consideradas um amparo social se constata que a maioria que as cumprem são vulneráveis, pois foi explicado anteriormente a dificuldade de acessos sociais, portanto, a criminalidade está na porta deste adolescente.

Mas como compreender que a função de *cuidado*, mas antes de tudo um *cuidado de si*, para cuidar do outro, e assim criar e recriar, construir e desconstruir para ter sentido.

A partir daí inicia-se uma nova concepção de *olhar*, perceber o adolescente no social, na sua *atitude, em ser*.

“O método para compreender os fenômenos seria: não tentar interpretá-los, mas de olhá-los até que jorre a luz. Em geral método de exercer a inteligência que consiste em olhar(...). A condição é que a atenção seja um olhar e não um apego.”(Weill p. 338).

De acordo com Ecléa Bosi , o sentido da atenção apontado por Weill diz e anuncia “*uma percepção nova*” por trazer em si liberdade para o que se pretende contemplar.

Desta forma, o estudo e aproveitamento na filosofia fenomenológica existencial, ou analítica do *dasein*, aspiram à possibilidade de um trânsito desembaraçado do pensamento positivista, fortemente enraizado e por isso pouco percebido, a uma compreensão e análise que contemple o contínuo realizar-se do ser-aí-no-mundo.

Não se trata, portanto, nem se adquirir um pensamento sistemático a ser aplicado, nem de incrementar nossa capacidade de reflexão, mas de enveredar por caminhos de pensamento que nos podem, talvez, conduzir a novos ângulos e novas possibilidades de experiências. Na verdade trata-se, sobretudo, de deixar-se conduzir por ela em diversas e nada previsíveis direções. Insisto na palavra talvez: há uma quota de incerteza em toda experiência (...). Não há de nada antemão assegurado. Creio que esta forma de encontro com o pensamento heideggeriano(...) não é o mais prudente, como a que mais faz justiça ao que Heidegger tentava nos dizer(Figueiredo,1994, p.44, grifos do autor)

“A compreensão é criadora de sentido citado por Hannah Arendt, “Se enraíza no próprio processo da vida na medida em que tentamos, através da compreensão, conciliar-nos com nossas ações e paixões” (p.347)”.

Este cunho de surpreendente imprevisibilidade é inerente a todo início e a toda origem. (...). O novo sempre acontece à revelia da esmagadora força das leis estatísticas e sua probabilidade.

As minha questão está baseada neste trabalho em “A medida socioeducativa: é de *Punição ou pedagógica* ?

A educação, os métodos pedagógicos não estão na contramão de um modelo punitivo, em vez de uma medida socioeducativa, de fato? Se o adolescente está em desenvolvimento, o que se pode exigir de uma pessoa que necessita de orientação e compreensão privando-o de liberdade?

Através do método (Cuidado), a construção e desconstrução de uma *“ação clínica que se arrisca a cuidar da exposição da fragilidade humana”*

Como inserir novos métodos? Onde a ideia da instituição é de fato padronizar o adolescente de acordo com aquilo ditado, sem permitir a fala, a opinião.

No silêncio poderia compreender ou ouvir aquilo que não se ouvia, mas que se tentava ouvir.

Um trecho de Novães nos remete a determinada compreensão no cuidado com os adolescentes privados de liberdade.

“Apenas quando se dissolvem as estruturas habituais de sentido da cotidianidade e não contornamos, apressadamente, a angústia, provocada por essa dissolução, encontramos-nos numa abertura compreensiva propícia para aprender a existência humana em seu modo próprio, isto é, não como ente simplesmente dado no interior do mundo, mas como aquele ente cujo modo essencial de ser é ter o sentido sempre em jogo no seu devir histórico.”

Como começar novamente Em mostrar ao adolescente que havia diferença? E nos cuidados?

Através de outros métodos, foi possível alcançar uma compreensão que a

verdade absoluta é ilusória .

5 - Considerações Finais

*“Toda crise é um momento em que mudanças estão sendo produzidas”
(Ausloos, G. 1998).*

Este trabalho tem a intenção de mostrar como as *Medidas socioeducativas* melhoram ou pioram a vida do adolescente e seus familiares.

Discutimos o Estatuto da Criança e do Adolescente, as Medidas e o Ato Infracional.

Muitos dos jovens que cumprem a Medida não compreendem o que elas têm de proposta.

São histórias de pessoas diferentes, mas com algumas características em comum, que revelam uma infância e adolescência tolhidas de condições mínimas de dignidade. E esses jovens são chamados infratores, delinquentes, marginais, *trombadinhas*, enfim uma referência ameaçadora.

Faz-se necessária à implementação de políticas que garantam acesso à educação, ao trabalho, à moradia, como também, é imprescindível o engajamento de toda a sociedade no atendimento ao adolescente infrator, fazendo-o trilhar pelo caminho da consolidação da cidadania.

“O exercício da cidadania é o direito que cada cidadão tem de ter direitos e exercê-los no cotidiano através da sua ação ou do Estado naquilo que lhe cabe atribuição”. (Bourdieu, 1980 apud Volpi 2001, p.98).

O adolescente infrator que cumpre *medidas socioeducativas* tem o direito de ser comum, não ser visto como fora do mundo, como se só ele estivesse nesta situação e ser informado sobre os seus direitos.

A eficácia das **Medidas Socioeducativas** depende do Estado, da responsabilização em cuidar dos adolescentes que atendem oferecendo (educação formal, profissionalização ou iniciação ao trabalho, saúde, lazer, etc.).

Desta forma, as **MEDIDAS** farão sentido dando voz aos adolescentes e encontrar respostas concretas para as suas necessidades.

Foi discutido neste trabalho, que o processo de articulação das políticas

de atendimento ao adolescente que cometeu o ato infracional deve atentar para o seu cumprimento, isto é, a reinserção social e reeducação.

Através dos métodos colocados, o adolescente também tem a sua responsabilidade dos atos cometidos, para chegar nisto é necessário empregar a sua própria escuta e a partir daí iniciar um processo de transformação.

6 - Referências bibliográficas

1. ECA, 2012 -Estatuto da Criança e do Adolescente- São Paulo, 2012.
2. D. W. Winnicott 4ª edição- Martins Fontes- 2005.Privação e Delinquência-
3. Freire, Paulo- Paz e Terra - 2011.Pedagogia do Oprimido
4. Bowlby, John- 5ª edição- 2006-Cuidados Maternos e Saúde Mental
5. Silva, Eroy Aparecida da, Micheli, Denise de.- Fap-Unifesp. Adolescência Uso e abuso de drogas: Uma visão integrativa
6. Pichon-Rivière, Enrique- 1ª reimpressão- 2012.Teoria do Vínculo
7. Bejamim- Walter – 1985 – editora Brasiliense – 3ª edição-Magia e Técnica-